

## Considerações Finais

Durante a elaboração da pesquisa uma questão em particular foi suscitada, sem que pudesse fazer parte de nossa investigação até o momento: a do corpo belo. Os ideais de beleza da atualidade se impõem como um desdobramento possível das reflexões sobre o corpo híbrido.

Maria era exemplo de um processo de protetização cristalizado, inviabilizado por uma demanda particular que evidenciava um trabalho de luto por se realizar. Há situações que se caracterizam pelo oposto. Certa vez um rapaz amputado por um acidente automobilístico surpreendeu a todos quando na primeira colocação da prótese foi capaz de andar por todo o setor de fisioterapia da AFR sem ajuda sequer de muletas. Guardadas as diferenças físicas que contam para uma utilização mais eficaz da prótese, chama-nos a atenção esta capacidade de lidar com a artificialidade da prótese como algo muito familiar.

Todo nosso esforço no Capítulo Três foi o de buscar elementos que nos ajudassem a pensar sobre esta possibilidade de hibridização homem/máquina. Contudo, reconhecemos que estamos longe de esgotar esta temática que inclui, então, a necessidade de pensar sobre a beleza e seus ideais contemporâneos.

De acordo com informações concedidas pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, publicada na Revista VEJA (14/02/2001), no ano de 2000, o Brasil se situava como primeiro do ranking em cirurgias plásticas no mundo. Numa proporção de 207 pessoas operadas em cada grupo de 100 mil, o Brasil vencia o recorde dos Estados Unidos que registravam 185 para cada grupo de 100 mil habitantes. Estes dados parecem revelar a preocupação do brasileiro com a beleza. Uma preocupação que é considerada exagerada e estreitamente ligada à ordem do consumo.

A atualidade traz a exaltação das imagens e produz uma cultura que movimenta a “Indústria da Saúde” (SABINO, 2002, p.145) através do uso de cosméticos e de drogas, da submissão a procedimentos cirúrgicos corretivos, do uso de próteses estéticas de toda ordem. Fica evidente que:

Em tal economia imagética, indivíduos comuns são impulsionados ao consumo e à submissão calculada a dietas, exercícios, anabolizantes, clínicas estéticas e academias, enquadrando-se em uma espécie de controle disciplinar sem par na história, com o objetivo de conquistarem a aceitabilidade, a admiração e o respeito (SABINO, 2002: p.150).

Como objetos de consumo, o filósofo Gilles Lipovetsky considera que de um lado estão os ligados à comunicação e do outro, os ligados ao corpo e à saúde. O autor afirma não ser possível compreender a evolução da sociedade sem dar importância à moda, à sedução, ao luxo. Entende a moda como não se restringindo ao vestuário, mas regendo outras esferas da vida, como o culto ao corpo, o consumo e o bem-estar. A tirania na forma de vestir foi substituída por uma multiplicação de estilos; entretanto, se as pessoas não se submetem mais à ditadura do vestuário, estão cada vez mais submetidas à ditadura da magreza e da juventude. O corpo passou a ter outro valor na sociedade democrática e tecnológica. A resignação à beleza ou à feiúra da sociedade tradicional, num universo individualista recusa a submissão ao destino, fazendo com que o indivíduo tome posse do próprio corpo “lutando ou pagando” para se tornar belo.

Numa visão muito aproximada da de Lipovetsky, Mirian Goldenberg e Marcelo Silva Ramos se referem ao “body building” como efeito de uma ideologia que “se fundamenta na concepção de beleza e forma física como produtos de um trabalho do indivíduo sobre seu corpo” (GOLDENBERG, M. & RAMOS, M.C., 2002: p.21). Para os autores, a falência dos meios tradicionais de produção de identidade faz com que o corpo seja apropriado como meio de expressão (ou representação) do Eu. E mais do que isso, do corpo como objeto de consumo. E o consumo como estilo de vida. Afirmando a nudez como a forma mais requintada de estar vestido. Vestido de músculos, da boa forma, da imagem.

Esta verdadeira “cultura do narcisismo” demonstra que o autocentramento do sujeito atingiu limiares impressionantes se comparados com momentos anteriores da história do Ocidente (BIRMAN, 2001: p.166). Paradoxalmente, já em julho de 1998 desfilava nas passarelas para uma grife famosa de luxo o modelo Ranimiro Lotufo Neto estreando sua perna mecânica com sistema hidráulico, para lançamento da coleção primavera-verão 1998/1999.

Resumindo, por um lado parecemos viver numa Era de autocentramento, numa exaltação do próprio Eu, numa hegemonia da aparência, o que Joel Birman

vai denominar de “estetização da existência” (*Ibid*). Por outro, desfilamos sob os flashes da moda expondo uma prótese, índice da precariedade humana e do encontro com a castração.

Este paradoxo faz pensar qual é o estatuto do belo na atualidade. Demonstra-nos também o quanto o estudo sobre o corpo na atualidade está longe de se esgotar.